



**A deriva de sentidos de “Terra da luz” no pós-governo mudancista:
uma análise do vídeo *Ceará, terra da luz***

The drifting of meanings of “Terra da Luz” in the post-changing government:
an analysis of the video *Ceará, Terra da Luz*

Aline Maria Freitas Bussons*

Resumo

A partir da análise do vídeo *Ceará, terra da luz*, discutiremos a deriva de sentidos da expressão “terra da luz” após a ascensão do “governo das mudanças” (quando Tasso Jereissati assume o governo do estado do Ceará nos anos de 1987). Como dispositivo de análise, utilizaremos as práticas de leitura da Análise do Discurso Materialista, nas quais, parte-se do pressuposto fundamental de que o sentido não é uma evidência, mas uma determinação das posições ideológicas em jogo num dado momento sócio-histórico (Pêcheux, 2009:146). Neste texto, portanto, buscaremos compreender o funcionamento discursivo de “terra da luz” em suas relações com a imagem de um Ceará paradisíaco construído pelo discurso turístico dos “governos das mudanças”.

Palavras-chave: análise do discurso; Ceará; governo das mudanças.

Abstract:

From the analysis of the video *Ceará, terra da luz*, it will be discussed the meanings derived from the expression “terra da luz” after the rise of “government of changes” (when Tasso Jereissati takes over the government of the state of Ceará in 1987). As a device of analysis it will be used the reading practices of Analysis of Materialist Discourse in which the fundamental assumption is that the meaning is not an evidence but a determination of ideological positions at stake in a given socio-historical moment (Pecheux, 2009:146). Thus, in this work it will be searched the comprehension of the discursive functioning of “terra da luz” in its relations with the image of a heavenly Ceará built by the tourist speech of “government of changes”.

Keywords: discourse analysis; Ceará; government of changes.

* Doutoranda em linguística IEL/UNICAMP. Endereço Rua Doutor Atualpa de Barbosa Lima, n. 145. Ap. 401. Praia de Iracema. Fortaleza – Ceará. CEP. 60060-370. E-mail: alinebussons@hotmail.com

*Você não faria a menor falta/
Num dia de domingo no Beach Park
Falcão, “Um bodegueiro na FIEC”.*

Introdução

Em 1987, assume o governo do estado do Ceará, Tasso Ribeiro Jereissati. Apoiado pelo Centro Industrial do Ceará (CIC), o novo governador, munido da imagem de jovem bem sucedido empresário, com “amor à causa pública”, inaugura uma reforma político-administrativa com bases neoliberais, especialmente, no tocante à preocupação com uma austeridade financeira e fiscal; ao estreitamento da relação estado-economia e à afirmação do setor público como indutor de investimento. Estas são as diretrizes essenciais dos autodenominados “governos das mudanças”, iniciados na eleição de Tasso Jereissati, em 1986, e prolongados quatro anos mais tarde com a eleição de Ciro Ferreira Gomes, liderança que – a despeito de algumas singularidades – também, erigia seu carisma sob a égide de discursos que exaltavam juventude, modernidade e eficiência.

Uma das ações mais contundentes dos governos mudancistas é o investimento na indústria turística como propulsora de desenvolvimento econômico. Sendo o investimento no setor compreendido enquanto política pública de desenvolvimento, o estado deveria ser o grande incentivador do turismo, gerando empregos e, supostamente, diminuindo a pobreza. A propaganda turística do Ceará, neste contexto (justificada para atrair fluxos e recursos), aparece de maneira marcante, em escala nacional e internacional. O estado adota uma política de *marketing* que denomina Fortaleza “A cidade do sol”. Aliás, na referida política, o sol, associado ao mar, passa a constituir um dos maiores atrativos do estado. Se, tradicionalmente (desde os finais do século XIX), o sol foi um tirano que castigava o cearense, durante os períodos de seca, após a era Jereissati, ao contrário, se tornara simpático, acolhedor, além de sorrir e usar óculos¹.

As investidas publicitárias dos “governos das mudanças” modificam, definitivamente, a imagem do Ceará para o Brasil e para o próprio Ceará. O chão rachado, o sol que castiga, a falta d’água das oligarquias algodoeiras dão lugar às dunas brilhantes e ao sol iluminador dos jovens empresários². A questão é que a imagem do

¹ Logotipo do parque aquático *Beach Park*.

² Ainda em 1967, Luiz Gonzaga canta, para o Brasil, a “Súplica cearense”: “Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água/ E ter-lhe pedido cheinho de mágoa/ Pro **sol inclemente** se arretirar”. E mais adiante: “Desculpe eu pedir pra acabar com o **inferno/ Que sempre queimou o meu Ceará**”. Já em 1994

Ceará tórrido, rural e “atrasado” que captava recursos junto ao governo federal em prol dos “irmãos do nordeste, vítimas da seca” já não convinha ao projeto neoliberal das novas lideranças políticas cearenses³.

Este projeto – no tocante ao papel do estado enquanto indutor da economia através do turismo – perdura até hoje. Nesta perspectiva, desde o início da gestão Jereissati até os nossos dias, não cessaram as campanhas turísticas (políticas) que, apesar das variações (“Ceará, terra da alegria” *slogan* do governo Cid Gomes, desde 2007), têm sol e mar enquanto protagonistas.

A compreensão destas condições de produção é fundamental quando nos propomos a discutir efeitos de sentidos produzidos por vídeos do gênero de *Ceará, terra da luz*⁴ – vídeo inscrito pelo Discurso Turístico (DT)⁵. O videoclipe da dupla de cantores regionais Ítalo & Renno, que conta com a participação de Raimundo Fagner, foi produzido no ano de 2009 e circula até o momento, enquanto propaganda institucional da TV Verdes Mares (via parabólica), afiliada da Rede Globo, no Ceará.

O vídeo apresenta imagens de alguns dos principais pontos turísticos do estado. Podemos ver as praias de Canoa Quebrada, Jericoacoara, Iracema, a Avenida Beira-mar, em Fortaleza, a gruta de Ubajara, a pedra da Galinha Choca (Quixadá), a estátua do Padre Cícero (Juazeiro do Norte), dentre outros cenários, que aparecem, constantemente, sob as bênçãos de um sol iluminador. O forró pé-de-serra é o ritmo que embala a letra da canção, onde Fagner, um dos artistas cearenses com mais representatividade nacional, canta um hino de amor ao Ceará, no qual se tem o seguinte refrão: “porque sou cearense/ sou brasileiro/ sou apaixonado pelo meu lugar/ eu trago no peito um amor verdadeiro/ **eu sou da terra da luz, eu sou do Ceará**”.

Neste texto, investigaremos, especialmente, o movimento de sentidos da expressão “Terra da luz” no material selecionado para a análise, considerando suas relações com o momento sócio-histórico da contemporaneidade cearense, no qual, os investimentos neoliberais fazem circular um discurso turístico em que os principais

(para se ter uma percepção mais clara do *marketing* mudancista), a Rede Globo exhibe a novela “*Tropicaliente*”, com cenário no Ceará. Dunas, passeios de bugre e um sol brilhante são exibidos diariamente na novela das sete. A propósito, o governo do estado apoiou a realização da telenovela sob a condição de que se fosse mostrada a infraestrutura turística do estado (Gondim, 2007: 418). Tratava-se, portanto, de uma novela-propaganda.

³ Com a abertura da constituição de 1988, no que tange à autonomia dos estados e municípios para a captação de recursos, inclusive fora do país, as imagens de um Ceará paradisíaco são muito mais interessantes. A “beleza” do Ceará atrairia investimentos internacionais para o estado.

⁴ Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=oTm5q6_pRWI

⁵ Discutiremos o “Discurso Turístico”, oportunamente.

atrativos do estado são o sol e o mar. Falaremos, também, em movimento de sentidos, devido ao pressuposto fundamental da suscetibilidade intrínseca dos enunciados de se tornarem outros, face à incompletude da linguagem e às determinações ideológicas. Na análise proposta, este movimento, este “tornar-se outros” do enunciado, possui, não um ponto de partida (origem), mas, no horizonte, uma memória discursiva, que é relevante dar a conhecer e que, portanto, retomaremos.

A história oficial justifica ser o Ceará, a “terra da luz,” por ter sido a primeira província brasileira a libertar os negros da escravidão. O epíteto “terra da luz, terra da liberdade” foi dado por José do Patrocínio, nos finais do século XIX e, à época, divulgado por intelectuais cearenses, produzia, naturalmente, efeitos de sentidos diversos dos que temos hoje. O discurso abolicionista atravessado pelos discursos do progresso e da civilização, impulsionados pelos ideais de modernidade⁶ da época – especialmente os de urbanização, racionalidade e trabalho livre enquanto bandeiras de “evolução” social – determinavam esses sentidos. Analisando um videoclipe produzido no Ceará pós-mudancista, propomos investigar a deriva de sentidos de “terra da luz”, considerando o período abolicionista e o período mudancista. Observamos, também, uma convergência entre estes períodos no que concerne à projeção de uma imagem positiva do “estado” para o resto da nação, como observaremos no decorrer do trabalho.

No princípio era o mar, e o mar estava com o sol. E o sol era Deus.

Assim começa o vídeo *Ceará, terra da luz*: nas imagens de mar, falésias e do sol, tal qual o Deus onipresente (sujeito-mor do discurso cristão), embora não visto; mas sentido, ou melhor, denunciado pelo deslize da sombra do helicóptero de onde se captam as imagens⁷.

⁶ Segundo Giddens (1991:11), modernidade “refere-se a estilo, costume de vida e organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influencia.”

⁷ Todas as imagens utilizadas nesse texto foram capturadas do Youtube, disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=oTm5q6_pRWI



Figura 1: Imagem capturada o site Youtube .

A propósito, a sombra significa, certamente, de modo peculiar, pois se trata de uma materialidade específica em seus modos de significação:

E todo processo de produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria. Assim, a significância não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significativa que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente. (ORLANDI, 1995, p.35)

Partindo deste pressuposto, podemos pensar quais são os sentidos produzidos por esta imagem, quando temos uma falésia iluminada pelo sol, o mar e a sombra de um helicóptero em um vídeo que mostra imagens de um Ceará paradisíaco, de uma publicidade turística, de um governo que se caracteriza por apresentar sol, mar e infraestrutura como principais atrativos do estado. Mais especificamente, quais os sentidos produzidos por uma sombra sobre as falésias, ao lado do mar? Que objeto esta imagem revela? Ou, talvez, o que esconde? Enquanto sombra é um jogo de mostrar e esconder: o objeto é apenas sugerido, e esta sugestão se faz, impreterivelmente, pela presença da luz. É a luz que licencia a sugestão da imagem, sem ela não seria possível. A luz, em questão, é o sol do Ceará (a “terra da luz”) e sugere um helicóptero, meio de transporte aéreo, moderno, privado – helicópteros nunca são transportes coletivos, aliás, há algum tempo transportam turistas em seus passeios sobre a orla. Mas a via é dupla, enquanto a luz mostra/esconde o helicóptero, esse objeto também indica que há um sol, sempre lá, acima de toda a “beleza” das terras cearenses. Assim, a sombra (neste jogo de mostrar e esconder) produz sentidos de modernidade, infraestrutura urbana, lazer, conforto – quando, de um lado, temos a sombra de um transporte moderno e urbano; e também os sentidos de beleza, bom clima e calor, quando temos a presença marcante do sol indicado pela sombra nas falésias.

E o vídeo segue com as imagens do sol, do mar e da cidade de Fortaleza; as dos ícones do turismo religioso cearense, a estátua do Padre Cícero e a de São Francisco de Assis; as imagens do sertão, em uma de suas representações via “pedra da galinha choca” de Quixadá; a imagem e a voz de Raimundo Fagner e dos cantores Ítalo e Renno; as imagens do piano e da sanfona, bem como, o forró que embala o videoclipe produzem efeitos de sentidos particularizados “pelos materialidades significantes distintas”(LAGAZZI, 2009, p.77): tais como os sentidos de multiplicidade, possibilidade, diversidade no regional quando temos mar, sertão, religiosidade e música nacional/regional em uma “imbricação de materialidades”(ORLANDI, 1995.), na qual, a propósito, a expressão “terra da luz” irrompe.

Além disso, o movimento das imagens, sons e palavras compõem um “fio discursivo” que demanda interpretação, de forma que, investigar o funcionamento da expressão “terra da luz”, na perspectiva da Análise do Discurso, implica em estar atento não só a uma memória discursiva (interdiscurso), mas levar em conta os efeitos do interdiscurso sobre si mesmo, ou seja, o intradiscurso, “uma ‘interioridade’ inteiramente determinada como tal ‘do exterior’” (PÊCHEUX, 2009, p.154). Na batida das relações entre inter e intradiscurso, e considerando as peculiaridades das materialidades significantes, no caso o audiovisual, são relevantes os conceitos de Tecedura e Tessitura, propostos por Neckel (2010:03), nos quais a primeira é compreendida como “aquilo que corresponde aos efeitos de sentido nas redes da memória. E, como Tessitura, o funcionamento de sua estrutura enquanto matéria significante”. Deste modo, a autora apresenta possibilidades de análise do audiovisual, levando em consideração a imbricação das materialidades.

Observando, ainda, as articulações entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou seja, as determinações do sócio-histórico sobre o que é dito/mostrado e sobre como é dito/mostrado – percebemos que o material analisado é inscrito em práticas que significam a partir do Discurso Turístico, e que têm como condições de produção as investidas neoliberais das elites político-empresariais do território cearense no turismo e seu *modus operandi*. O discurso turístico cearense vem marcado pela apresentação do sol como algo positivo (o sol aparece em dez tomadas que se repetem como um refrão imagético acompanhado, muitas vezes, pelo verso “e o sol iluminando os corações”), pela exaltação da “cultura” local (a quadrilha, a jangada), pela apresentação da cidade de Fortaleza como uma metrópole à beira-mar.

Este é um discurso turístico específico, contextualizado, porém vale a pena asseverar que este discurso é determinado pela nova ordem mundial de globalização, a qual promove uma desterritorialização política e cultural em que “o turismo implica não apenas a prática de viagens propriamente dita, mas todo o complexo que está por trás da comercialização do tempo livre” (Muniz, 2004, p.34). O turismo no Ceará, constituído nesta formação ideológica, é atravessado por um discurso que impõe uma imagem positiva do estado, silenciando diversos outros imaginários de Ceará (a fome, a miséria e o atraso relacionados ao rural) e apresentando, especialmente, uma infraestrutura urbana que, além de conforto (compras, transporte, hospedagem, alimentação) viabiliza o contato com “peculiaridades” do litoral cearense. No vídeo *Ceará, terra da luz*, a cidade de Fortaleza e seus hotéis luxuosos à beira mar *versus* a jangada, cortando a “cidade” em primeiro plano, ilustra bem o discurso turístico dos governos das mudanças, notadamente, nas relações entre conforto do espaço urbano (hotéis na orla) e o contato com uma cultura outra, em seus traços regionais (jangada):



Figura 2: Imagem capturada do site Youtube.

Ademais, o Discurso Turístico é um discurso autoritário. Conforme a tipologia discursiva proposta por Orlandi (2009, p.15-16), “no discurso autoritário, o referente está ‘ausente’, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta em uma polissemia contida.” Em primeiro lugar, no DT, a polissemia é contida, pois parte de uma verdade inquestionável: “é preciso viajar”. As razões são variadas – paisagens, compras, negócios, espiritualidade –, porém é preciso ir e vir, deslocar-se no espaço para ver/ter/sentir além. Partindo dos desígnios de “viajar”, o discurso turístico, como tal, autoritário e, portanto, homogeneizador, constrói imagens idealizadas de cidades, regiões, países. Vejamos a letra da canção de Ítalo & Renno:

Imagina um lugar lindo todo colorido/ pintado na mais bela tela pelo criador/
Imagina o meu **lugar dos sonhos o meu paraíso**/ As cores da felicidade
sorrindo pra você /**Imagina** meu porto seguro minha alegria/ Eu agradeço
todo dia eu tenho amor e paz/ Daqui o mundo é tão bonito **pode ter certeza**/
Tanta beleza, não troco por nada/ **Eu sou feliz demais!**

Tal homogeneização é construída nas injunções de um dizer que silencia outros dizeres oriundos de outras formações discursivas. O Ceará seco, tórrido, “feio” não é dito nos versos acima, como foi dito em outros cantados, inclusive por Fagner, também noutros tempos, naturalmente (*e.g.*, “enquanto a minha vaquinha tiver o couro e o osso...”). O espaço mostrado é “um lugar dos sonhos”, um “paraíso”, “um lugar lindo” que traz “as cores da felicidade sorrindo pra você”. As marcas de imperativo, que aparecem, repetidas vezes, em “imagina”, também atestam o autoritarismo deste discurso, além da construção “pode ter certeza!” que podemos parafrasear por “tenha certeza”, trazendo o imperativo numa verdade inquestionável. Os outros verbos, no indicativo, asseguram as qualidades do estado, ao mesmo tempo em que também garantem a felicidade dos sujeitos (cearenses) que lá se encontram: “eu agradeço todo dia”, “eu tenho amor e paz”, “não troco por nada”, “sou feliz demais”.

As imagens dos sujeitos que proferem estas assertivas também significam na sua materialidade. A imagem de Raimundo Fagner, por exemplo, produz efeitos de sentido de sucesso e modernidade no atravessamento dos discursos regionalista e nacionalista, isto porque, devemos considerá-la como uma construção discursiva dos governos das mudanças. Fagner é um cantor cearense de representatividade nacional que, não obstante já possuir uma construção imagética de artista de sucesso desde o movimento “Pessoal do Ceará”, nos anos de 1970, teve sua imagem ressignificada no pós-governo das mudanças. A posição sujeito cantor-cearense-brasileiro de uma formação discursiva(FD) determinada (sertão/seca) migra para outra FD que valoriza o litoral e silencia a seca. Investigando a discografia do cantor, percebemos que mar, sol, litoral e sertão são discursivizados, distintamente, antes e depois de 1987. As temáticas do sol, mar e praias cearenses, por exemplo, pouco (ou nunca) aparecem enquanto uma maravilha natural, enquanto um convite para o restante do Brasil. Ao contrário, no sucesso “Mucuripe”, embora se fale do mar visto do principal porto cearense, Fagner canta “vida, vento, vela, **leva-me daqui**”. Não há um convite para se visitar praias paradisíacas, na verdade, há uma súplica à vida, à jangada, ao vento de uma fuga – tão relacionada à seca e ao êxodo rural. Ou canta, ainda, a referida fuga nas paisagens do

sertão, articulada à fome e à morte, como na música “Aguapé” (1980)⁸: “aqui os mortos são bons/ pois não atrapalham em nada/ pois não comem o pão dos vivos/ e não ocupam lugar na estrada”. Já em 1991, na transição entre os primeiros governos das mudanças, início da gestão Ciro Ferreira Gomes; Fagner aparece pela primeira vez na capa de um LP (“Pedras que cantam”) sentado em uma jangada (antes Fagner aparecia com um chapéu de couro, muitas vezes, ao lado de Luiz Gonzaga). No mesmo ano, lança um disco em espanhol, mas para compreendermos os significados desse disco, é interessante dizer que o projeto turístico de Ciro Gomes, no Ceará, tem como modelo os projetos turísticos de Cancun e Barcelona (Belmino, 2012). Assim, há um Fagner que canta o sertão e o litoral, antes de 1987, e outro Fagner que canta os mesmos espaços, depois de 1987, ou seja, em outra formação discursiva, a dos governos das mudanças que, por sua vez, constrói uma imagem positiva do estado do Ceará centrada na valorização do litoral.

Além disso, o cantor se faz presente em inúmeros shows promovidos pelo governo do estado desde 1991. Inclusive, em 2000, no segundo mandato de Tasso Jereissati, o governo do estado promove, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza, um show comemorativo de “50 anos de Fagner”. No atual governo Cid Gomes, em 2011, Fagner também recebe homenagem com a inauguração de um edifício dentro do estádio do “castelão”, nomeado “Fagner Candido Lopes”. Na ocasião, o cantor aparece lado a lado com o mentor do projeto mudancista, Tasso Jereissati, e os seus predecessores, os irmãos Ciro e Cid Gomes.

Desta forma, a posição sujeito, “cantor-cearense-ídolo das massas” de Raimundo Fagner, deslocada para outra FD, na pós-instituição dos “governos das mudanças”, é determinante dos sentidos dos versos que analisamos, pois, de acordo com Pêcheux (2009, p.146-147):

...as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem. [grifos do autor]

Assim, quando é Fagner que canta “é porque sou cearense/sou brasileiro/ estou apaixonado esse é o meu lugar/ eu trago no peito um amor verdadeiro/ eu sou da terra da luz, eu sou do Ceará” há uma determinação dos sentidos. A enunciação, em primeira pessoa, feita por um cantor cearense de renome nacional, referenda sentidos de

⁸ Música de Belchior, epígrafe de Castro Alves (Poema “A cruz da estrada”).

identificação com o Ceará. A representação imaginária de “Fagner”, cearense e brasileiro de sucesso nacional, profere um dizer que não se declara unicamente cearense, mas cearense e brasileiro, produzindo efeitos de sentidos que fazem parte de um processo de inclusão/projeção de um estado (antes tórrido e atrasado; agora agradável e moderno) na nação. Fagner, ainda, canta ao lado de uma dupla de cantores regionais, Ítalo & Renno e; se a dupla canta ostentando a sanfona, instrumento que há muito simboliza a região nordeste, o herói toca o clássico piano:



Figura 3: Imagens capturadas do site Youtube.

Os significantes “brasileiro” e “cearense” não são suficientes para demarcar uma origem, ou talvez, um território. Parece ser preciso dizer mais, ser necessário estampar nomes e codinomes do espaço em questão: “eu sou da terra da luz/ eu sou do Ceará”. O Ceará é a “terra da luz” e aqui se emparelham duas assertivas de estrutura sintática análoga. Desta forma, cria-se a ilusão de uma referência comum: o Ceará e a terra da luz ficam unidos por uma exterioridade referencial, “ao mesmo tempo perfeitamente transparente (...) e profundamente opaco” (PÊCHEUX, 2008, p.20). Esta compreensão silencia a multiplicidade de sentidos determinada pelo encontro da língua com a história. Há, nesta perspectiva, apenas um Ceará que é a terra da luz, desconsiderando-se as relações entre os sentidos e as diferentes formações ideológicas nas quais o dizer irrompe.

Até agora, procuramos fazer uma análise panorâmica do vídeo, discutimos pontos que julgamos cruciais para a compreensão do funcionamento de “terra da luz” nas diferentes materialidades do vídeo, ou seja, ressaltamos os elementos que,

tradicionalmente, foram utilizados pelos mudancistas no seu *marketing* turístico para o estado e que, conseqüentemente, construíram um novo imaginário de Ceará, para o Ceará e para o restante do país⁹. Em linhas gerais, fizemos uma análise que nos permitirá compreender o funcionamento da expressão, na materialidade, em suas articulações com o histórico e o político.

E Deus disse: haja luz! E houve luz...lá no Ceará¹⁰.

Analisar a deriva de sentidos da expressão “terra da luz”, em diferentes materialidades, impõe um horizonte, uma memória discursiva que aponta, sem dúvidas, para dizeres do Ceará republicano e abolicionista dos finais do século XIX. Como já afirmamos, o epíteto foi dado à província por José do Patrocínio, justificado pelo fato de ser ela, a primeira do país a libertar os escravos¹¹, fazendo do Ceará um “exemplo de civilização”, a “terra da luz, a terra da liberdade”. Este dizer é posto em circulação por intelectuais cearenses que, à época, influenciados pelas teorias de Bucke, criticavam a incoerência entre a “grandiosidade da natureza” e a “indolência da sociedade frente à escravidão”, levantando, assim, a bandeira da abolição enquanto ideal de evolução social (OLIVEIRA, 2001, 50-51).

A idealização social do fim da escravatura, no Ceará, fazia parte de um movimento intelectual que objetivava projetar a província para o restante da nação, definindo suas fronteiras e singularidades, através de discursos que exaltavam modernização, civilização e progresso. O fim do trabalho escravo significava a possibilidade do desenvolvimento de uma sociedade livre e moderna, a qual, através do trabalho também livre, geraria riqueza para o restante da nação. Tais discursos circulavam em um Ceará que vivia, a um só tempo, a modernização de Fortaleza e a seca, no interior do estado: de um lado, a capital se urbanizava com seus cafés de nomes franceses, ruas pavimentadas e bondinhos; de outro, a seca, de 1877, assolava a população que seguia em grandes marchas, do interior para a cidade, em busca de sobrevivência.

⁹ Fazemos a ressalva, entretanto, de que não se trata de uma análise exaustiva (se é que isso é possível), pois muitos elementos deixaram de ser abordados: “o verde mar que me seduz”, por exemplo, e a memória discursiva dos “verdes mares bravios” de José de Alencar, dentre outras coisas, não foram tratados.

¹⁰ Referência ao samba-enredo da escola de samba carioca “Imperatriz Leopoldinense” de 1995, durante o segundo governo das mudanças, gestão Ciro Ferreira Gomes: “Mais vale um jegue que me carregue que um camelo que me derrube lá no Ceará”.

¹¹ A abolição dos escravos, no Ceará, aconteceu em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea.

Desta forma, em Fortaleza, formava-se um público de possíveis leitores das produções dos intelectuais abolicionistas que se agremiavam em academias e institutos – especialmente na Academia Francesa do Ceará, de 1872, e no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, criado em 1887 – contudo, simultaneamente, no restante da província, o flagelo dizimava a população, o gado e a vegetação por falta de chuva. E foi entre a seca e a urbanização de Fortaleza que o Ceará passou a ser chamado de “terra da luz”, expressão geradora de efeitos de sentidos que projetavam um estado moderno e civilizado, para o resto da nação, ao mesmo tempo em que silenciavam as mazelas da seca (idem).

Os sentidos de “luz”, no momento em questão, não se articulam, portanto, às condições climáticas cearenses, pois o sol, justamente aí, passa a ser discursivizado como um tirano. O sol aparece como um inimigo do cearense a partir da seca de 1877. Devido à crise do algodão nos Estados Unidos, nos finais do século XIX, o Ceará passa a plantar e exportar esse produto, de forma que vão se formando por todo o interior da província fazendas de algodão. As fronteiras destas propriedades privadas vão limitar o nomadismo do sertanejo que, antes, a despeito da falta de chuva, encontrava água em outros rincões. Deste modo, só neste momento, a seca começa a ser entendida enquanto calamidade pública; e o sol, o grande causador da seca, passa a ser discursivizado negativamente (Neves, 2007: 77-78). A alcunha “terra da luz” produz, portanto, nos finais do século XIX, sentidos de modernidade e civilização, projetando uma imagem positiva de um Ceará digno de ser inserido no país por seus atributos sociais e não climáticos.

Dos finais do século XIX até hoje, o dizer “terra da luz” atravessou mais de um século, e sendo linguagem, enquanto tal produtora de sentidos em seu encontro com a história, traz, em sua constituição, a tensão entre o mesmo e o diferente, entre paráfrase e polissemia. Conforme Orlandi (2009, p.36):

...todo o funcionamento da linguagem se apresenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está ao lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

É neste batimento entre paráfrase e polissemia que pretendemos discutir o funcionamento discursivo de “terra da luz” no videoclipe analisado. O que se mantém

sedimentado e o que rompe em uma expressão que atravessou mais de um século em condições de produções distintas? Mais especificamente, quais seus efeitos de sentidos quando se inscreve em um videoclipe produzido no Ceará pós- governos das mudanças? Em um vídeo que exhibe imagens de um Ceará litorâneo, turístico, moderno e iluminado, onde um dos seus maiores atrativos é o sol?

“Terra da luz”, em outro sítio de significância, num confronto entre o simbólico e o político, rompe com dizeres já cristalizados, faz derivar os sentidos, ao mesmo tempo em que evoca uma memória discursiva que põe em jogo o mesmo e o diferente, sedimentação e deslocamento, produzindo sentidos que constroem outras imagens de Ceará. Nessa deriva, tem-se no interdiscurso efeitos de sentidos, produzidos pelo discurso abolicionista dos finais do século XIX, que promovem os ideais de nação, progresso, evolução, modernidade e civilização; e em sua atualização, a movimentação dos sentidos cristalizados pelas determinações do discurso turístico neoliberal do século XX, também promovedor de ideais de modernidade e progresso.

O videoclipe qual a expressão se insere, produzido no pós-governo mudancista, constituído pelo discurso turístico neoliberal cearense que apresenta o estado enquanto moderno, atrativo, iluminado, mostrando imagens da Fortaleza urbanizada e litorânea, da religiosidade do sertão, do cantor Raimundo Fagner, ao som do forró, da sanfona e do piano, com uma canção que diz “daqui o mundo é tão bonito pode ter certeza”, desloca os sentidos cristalizados da expressão em suas relações com a abolição da escravatura no Ceará. O sol, marca registrada dos governos das mudanças, no vídeo, também é uma constante. Como já observamos, são dez tomadas que o colocam em destaque, além da permanência da claridade em quase todos os planos:



Figura 4: Imagens capturadas do *site* Youtube.

O verso “e o sol iluminando os corações” ainda acompanha as imagens. Um sol das luzes, ressignificado pelo discurso turístico que, simultaneamente, apaga o saber histórico acerca do vanguardismo da abolição no Ceará:

A terra do sol passou a ser a denominação do estado do Ceará. Destaques dados ao sol, ao mar e à jangada, na verdade, recortam a realidade cearense enfatizando aspectos atrativos que podem ser vendidos ou pontos de vista que se desejou construir. Assim, o pôr-do-sol e o nascer do sol, acompanhados de uma jangada e o cenário de dunas, favorecendo a representação idílica do estado, foram as principais imagens trabalhadas no imaginário nacional e posteriormente internacional. O Ceará terra da luz é apresentado como terra do sol. (BELMINO, 2011, p.173)

Considerando as determinações da formação discursiva em jogo, temos que há um deslize de sentidos tanto em “sol” quanto em “luz”. Se “sol” passa a ser discursivizado enquanto marca registrada de uma imagem de Ceará constituída no discurso turístico neoliberal; “luz” em suas relações metonímicas com sol, também vem a reboque, deslocando-se nos dizeres que aí irrompem. A “terra da luz”, agora, é um paraíso litorâneo, o qual o turista é convidado a visitar, pois nela, há sol 365 dias por ano. Os sentidos de “luz” estão imbricados nos sentidos de lazer, diversão, praia, mar, férias. Em outro sítio de significância, movimenta-se em outras searas. Percebemos, contudo, o mesmo, quando os sentidos de progresso e modernidade são reiterados, uma vez que, no discurso dos mudancistas o turismo iria tirar o Ceará do atraso dos coronéis,

gerando emprego e renda para a população, tal qual, a libertação dos escravos e o trabalho livre também tirariam o Ceará da miséria, no século XIX.

Neste jogo, “terra da luz” significa em suas especificidades, no Ceará turístico, ao mesmo tempo em que evoca uma memória discursiva que mantém a promessa do progresso e da modernidade enquanto propulsores do desenvolvimento. A projeção de um Ceará, moderno e civilizado, mantém-se permeando os sentidos da expressão, entretanto, o que outrora se fez por um discurso intelectual abolicionista, ora desloca-se nos discursos das investidas neoliberais que projeta um paraíso litorâneo a beira-mar para o restante do país.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos analisar a deriva de sentidos da expressão “terra da luz” no vídeoclpe *Ceará, terra da luz* da dupla de cantores regionais Ítalo & Renno. Para tanto, fizemos uma análise latitudinal das diferentes materialidades que compõem o vídeo nas suas relações com o discurso turístico neoliberal dos governos das mudanças, no Ceará. As imagens do sol, da jangada, de Raimundo Fagner e de vários pontos turísticos do estado, foram consideradas na análise, além da letra da canção que exalta as belezas naturais do estado. Compreendendo o funcionamento da expressão no imbricamento da materialidade, sem desconsiderar a memória discursiva que esta evoca, discutimos sua deriva de sentidos, no batimento entre o mesmo e o diferente, entre permanência e deslocamento que põem em jogo os sentidos de sol, mar e lazer, atravessados pelos de modernidade e progresso.

Bibliografia

BELMINO, Silvia H. 2001. *A tradição na modernidade ou a (re) significação imagética do Ceará contemporâneo: a propaganda turística dos Governos mudancistas*. Tese de doutorado. Brasília, DF: Universidade De Brasília.

_____. 2012. *Venga sentir el calor del Caribe brasileiro: a construção imagética do Ceará turístico*. Conferencia UC-ICA Latinoamérica. Anais de congresso. Santiago de Chile

GIDDENS, Anthony. 1991. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Filker. – São Paulo: Editora Unesp.

GONDIM, Lídia M. P. 2007. *Os “Governos das Mudanças” (1987-1994)*. In Sousa, Simone de (Org.) *Uma nova história do Ceará – 4ª ed. rev. e atual.* – Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha.

INDURSKY, Freda. 2011 *A memória na cena do discurso*. In Indursky, Freda; Mittmann, Solange e Ferreira, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. – Campinas, SP: Mercado de Letras.

LAGAZZI, Suzy. 2009. *O recorte significativa na memória*. In INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (Orgs.) *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Clara Luz.

NEVES, Frederico de Castro. 2007. “*A seca na história do Ceará*”. In Souza, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará – 4ª ed. rev. e atual.* – Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha.

MUNIZ, Cellina Rodriguez. 2004. *Uma aldeia que não é mais aldeia: o discurso do paradisíaco na publicidade turística – o caso de Canoa Quebrada*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará.

NECKEL, Nádia Régia Maffi. 2010. *Tessitura e tecedura: movimentos de compreensão do discurso artístico no audiovisual*. Anais do IX Encontro do CELSUL. Palhoça, SC. Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível in <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Nadia%20Neckel.pdf>.

ORLANDI, E. P. 1995. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. RUA (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade). nº 01. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

_____. 2009. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes.

_____. 2009. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes.

PÊCHEUX, Michel. 2010. *A análise de discurso: três épocas*. In Gadet, Françoise & Hak, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 4ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp.

_____. 2009. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. – 4ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp.

_____. 2008. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

Data de Recebimento: 01/03/2013

Data de Aprovação: 30/01/2014

Para citar essa obra:

BUSSENS. A. M. F. A deriva de sentidos de “Terra da luz” no pós-governo mudancista: uma análise do vídeo “Ceará, terra da luz”. In: *RUA* [online]. 2014, no. 20. Volume 1 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: *Estátua de Iracema Guardiã*, Praia de Iracema, Fortaleza, Ceará. Disponível em: <http://www.pbases.com/image/75142391>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166
Campinas/SP – Brasil
CEP 13083-892
Fone/ Fax: (19) 3521-7900
Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>